

[publicado no suplemento Fugas d'O Público em 31 de Março de 2007]

Em Caxemira não perguntem por mim

Esta é a história de alguém que queria um bilhete de autocarro para ir dar os parabéns ao Dalai Lama e acabou a fazer turismo de luxo em Caxemira.

TEXTO E FOTOS: NUNO GODINHO

Em Caxemira fui enganado por Firdous Nasim. Eu estava alojado na casa-barco gerida por este muçulmano de quarenta e muitos anos, ostensivo nos seus sinais exteriores de riqueza e suspeito como um bife de vaca num restaurante indiano. E eu não estava sozinho: tinha vindo com Kate, uma norte-americana de Manhattan que viajava pela Índia há 15 dias – o que, neste país, quer dizer que tinha acabado de chegar.

Em Caxemira as casas-barco são as pensões locais e a de Firdous Nasim correspondia a uma estalagem de luxo para turistas de férias em pacote. Ora, não era disto que eu andava à procura. Firdous Nasim manipulou-me a toda a hora. Disse-me que um turista estava proibido de andar sozinho em Caxemira e que eu tinha de estarmos sempre acompanhado por um dos seus leais empregados. Era bastante claro que Firdous Nasim pretendia controlar tudo o que Kate e eu fazíamos. Na sua estupenda casa-barco, o pacote turístico incluía vigilância apertada.

Ao fim de duas horas na presença de Nasim começava a perguntar-me como é que eu e Kate tínhamos vindo parar aos domínios deste ardiloso gerente de casa-barco. Quando descemos do comboio em Deli depois de uma estafante viagem iniciada dois dias antes em Katmandu, no Nepal, estávamos ainda convencidos de que o nosso destino seria Dharamsala – a cidade no meio dos Himalaias onde está refugiado o governo do Tibete no exílio. O objectivo era participar nas comemorações do aniversário do Dalai Lama, mas era uma desculpa como outra qualquer, porque a verdadeira razão que nos empurrava para norte era o calor insuportável que nesta altura do ano se sente em toda a Índia. Para fugir dele a única solução é subir aos Himalaias.

É verdade que várias pessoas nos tinham avisado de que é quase impossível não ser aldrabado em Deli. Até ali parecia estar tudo a correr bem. Interpelados por dezenas de condutores de *rickshaw* – os pequenos táxis de três rodas – lutando entre eles para nos conquistarem pela simpatia, decidimo-nos pelo que estava mais perto sabendo que não seria o tamanho do sorriso a determinar a sua honestidade, e fomos direitos a uma agência de viagens para comprar os bilhetes. Queríamos apanhar o mais depressa possível um autocarro para Dharamsala para evitar passar a noite em Deli.

De Dharamsala a Caxemira em 15 minutos

“Mas porque é que querem ir para Dharamsala se Caxemira é muito mais bonito?”, perguntou o agente de viagens. O facto de o Dalai Lama fazer anos não pareceu impressioná-lo. Insistimos na vontade de partir rapidamente. O agente explicou que talvez já não houvesse bilhetes para aquele dia e que era melhor ir para Caxemira, mas tínhamos de decidir depressa porque o último autocarro partia num quarto de hora. Não sei muito bem o que se passou nos cinco minutos seguintes, mas quando caímos em nós estávamos dentro de um Opel Corsa voando através das avenidas frenéticas de Nova Deli

em direcção à estação de autocarros, já com estadia marcada na casa-barco. Menos de uma hora depois de chegar a Deli tinham-nos alterado radicalmente os planos e íamos a caminho de Srinagar, a capital de Caxemira. A culpa foi nossa. Lemos tarde demais nos guias de viagem a descrição exacta do esquema que atrai os turistas que chegam a Deli para as garras de agentes e proprietários de hotelaria fluvial. Firdous Nasim já sabia de nós, mas nós não sabíamos de Firdous Nasim.

A viagem durou um dia e meio num autocarro invulgarmente confortável, equipado com ar condicionado. Um palácio sobre rodas para quem já viajava há dias em veículos moribundos e sobrelotados. Os nossos companheiros de viagem eram na sua maioria habitantes de Caxemira e só depois de muita conversa lhes ganhámos a confiança para contarem um pouco mais sobre a situação política da região. Entre eles, um mais descontraído Azhar, proprietário de uma livraria, disse-me que Caxemira é um dos territórios mais famosos do mundo pelas melhores e pelas piores razões. Considerado por muitos o sítio mais belo do planeta e frequentemente apelidado de paraíso na terra, é há mais de 50 anos atormentado por um conflito obscuro e paradoxal: enquanto Índia e Paquistão lutam incansáveis pela sua soberania, o povo de Caxemira, impotente entre gigantes, desdenha ambos e defende a custo o seu improvável sonho de independência. Um quarto da população é constituído por militares indianos, o restante é uma mistura explosiva de hindus e muçulmanos. “Poucos são os habitantes adultos de Caxemira que não foram já torturados pelo menos uma vez na vida por razões políticas”, contou-me Azhar, ele próprio vítima de abusos.

À chegada a Srinagar éramos esperados por um jipe que nos levou até à casa-barco sem saber que dentro de uns dias iríamos odiar o rapaz que o conduzia. Durante os 20 minutos de viagem até à habitação foi-nos descrevendo as maravilhas daquele lugar. Embora não duvidássemos delas, as suas palavras contrastavam em tudo com o que a paisagem oferecia. Enquanto ele descrevia um lago calmo e sereno e montanhas verdes e brancas, passávamos admirados por dezenas de barreiras militares, exércitos militares, colunas militares e habitações militares. Tudo está militarizado. Do paraíso, nem sombra. Foi ao chegarmos ao nosso destino, a casa-barco no lago Nagin, que começámos a acreditar que afinal talvez tivéssemos mesmo chegado ao céu. Durante o colonialismo inglês Caxemira foi um dos destinos de férias favoritos dos oficiais ingleses para fugirem do calor insuportável do resto do Raj. Estando proibidos por lei de comprar terra na Índia, contornaram o problema construindo centenas de luxuosas casas em cima de barcos, casas essas que são hoje, na sua maioria, idílicas pensões turísticas. Com uma vista sobre o lago de tirar a respiração, são a escolha óbvia de praticamente todos os visitantes da região.

Aparentemente, também nós estávamos proibidos de muita coisa. Depois de instalados na casa-barco e de tomado o nosso primeiro banho em três dias, manifestámos vontade de ir à povoação para lanchar e enviar *e-mails*. “Não podem”, avisou-nos determinadamente o rapaz. “Daqui a bocado vão poder conhecer Firdous Nasim”, disse, como se de um privilégio se tratasse. Fiquei boquiaberto. Era a primeira vez na vida que ficava preso num hotel. Depois de muito discutir compreendemos que todos os argumentos iam dar a Firdous Nasim e resignámo-nos a esperar.

A linguagem corporal de Nasim transmitia tudo o que ele esperava do comportamento de um turista “seu”: obediência. Isso lia-se nos movimentos estudados e lentos de quem há anos simula ser aristocrata, na túnica branca envergada todos os dias e na frase que mais

vezes lhe saía da boca, “Não, porque isto é Caxemira!”, argumento único para esvaziar os seus clientes de qualquer vontade própria, explorando a fama de esta ser uma região perigosa. “Não”, não pode ir comprar água ao fundo da rua sem estar acompanhado por um súbdito da empresa; “Não”, a Kate não pode meter conversa com desconhecidos; “Não”, não podemos ir caminhar para as montanhas sem levar guia, cozinheiro, tendas, cavalos e tratadores de cavalos – e, portanto, pagar-lhe 350 dólares por tudo isto. Tamanha era a influência de Firdous Nasim que não podíamos sequer procurar outro turista para perguntar se as coisas eram mesmo assim. Baralhados, considerámos as hipóteses: manter os princípios e ficar encalhados na idílica casa-barco durante uma semana, ir já embora de Caxemira ou aceitar a derrota e comprar o pacote. Comprámos o pacote. De repente todos se tornaram simpáticos e prestáveis. Éramos uns turistas de luxo.

Enquanto descansávamos na casa-barco, ainda a tentar digerir o que acontecera nas últimas 24 horas, foram passando *shikaras* à janela do nosso quarto. A *shikara* é uma pequena gôndola típica de Caxemira, o meio de transporte principal dos lagos locais. Um vendem flores, outras vegetais e mercearias variadas, outras são bares flutuantes, outras comercializam haxixe e marijuana e outras ainda funcionam como táxis. A dado momento há uma *shikara* que pára e seu condutor chama-nos a bordo. Era mais um súbdito de Firdous para nos levar num passeio pelo lago Nigin. Nada nos tinha preparado para o que íamos ver ao longo das três horas seguintes.

Eu estive no Paraíso

Nos lagos de Caxemira o tempo anda mais devagar e o silêncio fala mais alto. Deslizando sem pressa ao longo dos estreitos canais a Natureza revela uma nova dimensão. Em ambas as margens, camufladas por um intenso verde, dezenas de pequenas casas rústicas ensinam como vivem os locais. Crianças nadam e brincam, mulheres lavam a roupa, homens caminham a pé daqui para ali, cruzam-se *shikaras* carregadas dos mais variados víveres. Mas nada perturba o silêncio. O canal abre-se para o grande lago Dal. A palavra Dal significa “extenso” no dialecto de Caxemira. Ao fundo uma mesquita vê a sua imponente imagem fielmente reflectida na calma superfície do lago. No lago Dal existe duas vezes pois este pode ser facilmente confundido com um gigantesco espelho que apetece quebrar com um mergulho. Ao fundo, mais canais. Mas estes são diferentes, artificiais. São jardins flutuantes. Centenas de pequenas ilhas verdes ancoradas ao fundo do lago por milhares de raízes onde crescem viçosos os mais variados vegetais. Ao fazer o percurso inverso para regressar à casa-barco fomos presenteados pelo pôr-do-sol que pintou tudo de fogo fazendo-nos esquecer por completo Firdous Nasim. Ou não.

“Firdous Nasim vai dar-vos o privilégio de jantar em sua casa com a sua família”, avisou-nos o rapaz-súbdito. Estávamos de volta ao mundo real. Noutras circunstâncias ficaríamos entusiasmados por poder conhecer uma família de Caxemira, mas, tratando-se de Firdous, muito pelo contrário. Antes de jantar fui a um cibercafé enquanto a Kate, depois de muito insistir, conseguiu finalmente visitar a povoação. Devidamente acompanhada, claro. Quando nos reencontrámos, prestes a entrar no carro de Firdous para o jantar em sua casa, ela estava branca de medo: “Não imaginas o que me aconteceu, o Firdous é louco”. Nesse momento ele apareceu e entrámos ambos no seu carro. Durante toda a viagem Firdous gabava ostensivamente o seu novo carro, a sua casa com 17 quartos e jardim e os seus oito cartões de crédito. A Kate olhava para mim angustiada por

não me poder contar a história e eu, sem entender nada do que se tinha passado, entrava silenciosamente em pânico por estarmos dentro de um carro com um louco que nos ia – talvez – levar a jantar com a sua família.

Fomos de facto jantar a casa dele. Enquanto a sua mulher cozinhava o jantar ficámos na sala a conversar. No único momento em que fiquei sozinho com Kate, perguntei: “Mas ele é louco ao ponto de nos querer matar?”. Ela respondeu “Não! Que eu saiba, não é assim tão grave”, diluindo o meu pânico mas mantendo a curiosidade. A casa de Firdous Nasim era de um requintado mau gosto. Divisões grandes de paredes nuas pintadas com cores tristes davam a sensação de se estar numa casa a meio de uma mudança. Na sala um grande tapete ocupava grande parte do chão. Para além deste, um sofá de apenas um lugar era o único assento. Numa parede, uma lareira de cimento ornamentado, noutra parede um poster com excertos do Corão. Ao fundo uma vitrina concentrava dezenas de recordações, fotos de família e bibelôs islâmicos. Sentámo-nos no tapete. Firdous ocupou o sofá. Constrangidos pela situação, restava-nos elogiar a casa, mentindo. O anfitrião não conseguiu esconder o orgulho enorme que tinha em todas as suas coisas.

A comida salvou a situação. Os vegetais dos campos flutuantes acompanhados de arroz estavam deliciosos. Comemos com as mãos, sentados de pernas cruzadas à volta de uma toalha. Mais precisamente com a mão direita, uma vez que na Índia utilizar a mão esquerda para comer é indelicado por esta estar reservada para as funções higiénicas. Como seria de esperar numa família islâmica, o homem é que manda. Enquanto falou sem parar, a sua esposa mal abriu a boca durante toda a noite. Mas era ela que estava de parabéns.

No final do jantar chegou o rapaz-súbdito com um ar preocupado e começou a pedir desculpa a Kate. Começaram então a falar sobre o que tinha acontecido e finalmente entendi a história. No outro quarto da nossa casa-barco estavam dois espanhóis que tinham ido fazer *trekking* e regressado horas antes, enquanto eu estava no cibercafé. A Kate tentou falar com eles para saber a sua opinião sobre o reino do Firdous, mas foram imediatamente interrompidos pelo rapaz, que fez o possível e o impossível para impedir a conversa. Não conseguindo arranjar nenhuma desculpa convincente, a criatura desatou aos berros, dizendo que não tinham nada que estar a fazer mal a Kate. Agarrando-lhe violentamente no braço, puxou-a à força para longe deles.

Firdous justificou a situação explicando que o rapaz, ao contrário dele, nunca viajara à Europa e por isso não estava familiarizado com a liberdade da mulher ocidental. Pensou por isso estar a proteger uma indefesa Kate das garras malvadas daqueles dois homens maus. “Mas porque é que acham que eles são maus?”, perguntei, ainda perplexo. “Porque eles são drogados”, explicou Firdous. Só quando regressámos à casa-barco e conseguimos falar com os espanhóis é que percebemos tudo: explicaram que foi o próprio Firdous quem lhes tinha vendido o haxixe e, portanto, feito deles “drogados”. Como não bastasse, Kate contou-me que enquanto estive no cibercafé foi Firdous que a levou a passear. Durante o caminho, meteu-lhe a mão na perna, convidando-a para ser sua amante e ficar a residir na casa-barco às custas dele, sugerindo-lhe para me dizer para seguir viagem.

Amanhã, a liberdade

O dia do *trekking* chegara. Ainda perturbados com a história da noite anterior, foi novamente contrariados e revoltados por ter dado tanto dinheiro a alguém como Firdous

que partimos com o nosso guia, tendas e mantimentos. Depois de quatro horas de viagem alcançámos Sonamarg, o ponto de partida do nosso passeio nas montanhas de Caxemira, onde nos esperavam dois tratadores com três cavalos. Bastou olhar à volta para o nosso sentimento passar mais uma vez de revolta a agradecimento. Caxemira surpreendia-nos novamente. Nas quatro direcções, montes e vales totalmente cobertos por extensos prados verdejantes polvilhados por altos pinheiros negros chamavam por nós. Ao longe, para norte, os cumes eternamente nevados dos Himalaias completavam o enquadramento. Foi neste cenário que fiz, sem arrependimento, o passeio a pé mais caro da minha vida. Durante quatro dias percorremos este paraíso de relva, neve e rocha rodeados por ovelhas, cabras, cavalos, coelhos e ocasionais povoações de pastores que apenas as habitam nos meses quentes de Verão.

Visitámos uma povoação constituída por uma dezena de habitações encastradas no acentuado declive das montanhas. As casas são reconstruídas todos os anos e têm apenas duas divisões: uma para a família e outra para os animais. A entrada não tem porta e as pequenas janelas deixam entrar apenas a luz suficiente para as pessoas conseguirem distinguir-se entre si. O chão, de barro, é forrado por um confortável manto de caruma verde e ao canto um pequeno buraco no chão chamuscado e duas ou três painelas deixam entender que é ali a cozinha. Embora pareça pouco, sente-se que não falta nada. Este povo, humilde mas não submisso, recebe-nos de sorriso rasgado oferecendo chá e pão sem pedir nada em troca. Olhei nos olhos de um destes pastores e entendi como se pode não ter segredos nenhuns mantendo todo o mistério.

Regressámos a Srinagar mais uma vez determinados a emanciparmo-nos e escapar do reino de Firdous. No cibercafé encontrámos um turista que nos confirmou que na casa-barco dele não o prendem e pode andar sozinho. Quando perceberam que tínhamos sabido a verdade espoletaram novamente o sistema de segurança. Em menos de dois minutos Firdous Nasim estava a telefonar para o cibercafé a dizer que tinha explodido uma bomba em Srinagar e que devíamos voltar imediatamente, pois havia alguém da embaixada para falar com Kate. Impressionados com a capacidade de Firdous para encontrar formas de nos controlar, decidimos ignorá-lo. Embora estivesse planeado partirmos no dia seguinte, resolvemos ir em busca de uma casa-barco mais barata onde pudéssemos passar em liberdade mais dois ou três dias em Caxemira. Encontrámos uma bastante mais barata e regressámos à nossa casa-barco para avisar Firdous da nossa decisão, determinados a dizer-lhe tudo o que pensávamos dele e da forma como nos tratara.

Quando lá chegámos ele esperava-nos. Sentado numa cadeira com um ar preocupado. Tinha realmente explodido uma bomba que matou um turista e alguns habitantes locais, entre os quais um familiar de Firdous e, de facto, alguém da embaixada americana tinha lá estado para comprovar que Kate estava bem. Mais uma vez fomos apanhados de surpresa, e de surpresas já estávamos fartos. No dia seguinte comprámos o bilhete de autocarro que nos levasse a uma Índia mais tranquila. E ainda hoje não entendemos bem o que nos aconteceu em Caxemira.

CAIXA

O marajá não se decidiu

A história de Caxemira está envolta em mistério. Uma boa parte dos seus habitantes tem nomes provenientes de Israel, celebra na Primavera uma festa chamada Pasca, utiliza no seu dialecto urdu uma série de palavras em hebraico e tem uma série de outras características em comum com o povo hebraico. Há quem defenda que Caxemira encaixa na perfeição na descrição geográfica que o Antigo Testamento faz do Paraíso e que Moisés tenha, ao contrário da comum crença, conseguido conduzir o seu povo até Caxemira, à verdadeira Terra Prometida. Dizem que o seu túmulo pode ainda hoje ser visitado em Srinagar. Há também razões que levam alguns a acreditar que foi em Caxemira que Jesus passou grande parte da sua vida até aos 33 anos e que foi também aqui que se refugiou até morrer de velhice depois de ter sobrevivido à crucificação. Dizem que também o túmulo de Jesus pode ser visitado em Srinagar.

Até à sua independência o subcontinente indiano estava dividido em dezenas de territórios autónomos governados por marajás, que se mantiveram no poder mesmo durante os 300 anos de domínio da Inglaterra. Em 1949, quando a Inglaterra se viu forçada a dar a independência ao Raj – nome que a Inglaterra dava àquela parte do Império – surgem duas facções que, pelas suas divergências ideológicas, tornam impossível a constituição de um único país e obrigam à divisão do território em dois países independentes: Índia e Paquistão. O vice-rei Mountbatten perguntou a cada marajá a qual dos dois países desejaria pertencer. Hari Singh, o marajá de Caxemira, numa tentativa ingénua de manter a autonomia adiou a sua decisão indefinidamente. Pouco depois da independência o Paquistão tentou invadir Caxemira e Hari Singh, em pânico, pediu ajuda ao exército indiano para se defender do ataque paquistanês. Mais uma vez ingénua, com o pedido de ajuda assinou um papel que deu legitimidade ao exército indiano para se manter no seu território. Ainda hoje lá estão, e sem vontade nenhuma de partir.

Nuno Godinho
<http://nunogodinho.com>